

## A EVOLUÇÃO DA GEOGRAFIA E A POSIÇÃO DE AIRES DE CASAL

CAIO PRADO JÚNIOR

*Na introdução à edição facsimilar da "Corografia Brasileira" de Aires de Casal (ed. do Instituto Nacional do Livro, 1945), o Dr. CAIO PRADO JÚNIOR, sócio efetivo e um dos fundadores da A.G.B., situou com absoluta segurança a posição daquela obra e de seu autor no panorama da evolução da ciência geográfica, além de realizar uma análise crítica da primeira Geografia referente ao nosso país. Trata-se de um trabalho digno de maior divulgação entre os especialistas, o que nos leva a transcrevê-lo integralmente nas páginas do Boletim Paulista de Geografia.*

Do Pe. Manuel Aires de Casal, autor da *Corografia Brasileira*, pouco se sabe. Quase tudo a respeito de sua vida são conjecturas e fatos duvidosos. Segundo Rodolfo Garcia (1), ele é natural de Pedrogan, Portugal, e já se achava no Brasil em 1796, servindo de capelão da Misericórdia do Rio de Janeiro. Dava-se a trabalhos literários, pois encontrámo-lo naquele mesmo ano copiando o manuscrito da Conquista Espiritual do Pe. Antônio Ruiz Montoya. Permanece no Brasil até 1821, quando se retira, com o Rei, para a Europa, onde falece pouco depois sem ter deixado a segunda edição corrigida da *Corografia*, que estava nos seus planos (2). De seus trabalhos conhece-se, além da *Corografia*, uma *Notícia sobre as capitâneas do Pará e Solimões*, publicada em francês nos *Nouveaux Annales des Voyages* (t. IX — 1821), e citada por Sacramento Blake (3). A *Introdução da Geografia Brasileira*, publicada por Fonseca Galvão na Bahia em 1826, não é mais que uma reprodução da *Corografia* na parte referente àquela província.

Esta, que é a sua grande e na verdade única obra, saiu à luz na Imprensa Régia, sob auspícios oficiais, em 1817. Mas já estava redigida em princípios do ano anterior — sendo que a última data referida no texto é a do Alvará de 5 de dezembro de 1815, que criou as vilas de Maceió e Porto de Pedras (Açagoas) —, e entregue à Imprensa. Conhece-se uma carta, conservada na Biblioteca Nacional, e com data de 1.º de maio de 1816, do Padre Joaquim Dâmaso, diretor da Biblioteca Real, amigo de Aires, a Silvestre Pinheiro Ferreira, então um dos membros da Junta Diretiva da Tipografia Régia, queixando-se da demora e falhas na impressão da *Corografia* (4).

(1) Em nota à *História Geral do Brasil*, de Varnhagem (3.ª ed.), V. 261.

(2) Vejam-se os termos do Alvará de privilégio de 21 de agosto, 1817.

(3) *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, VI, 33.

(4) Valle Cabral, *Annuaire da Imprensa Nacional*, Rio de Janeiro, 1881.

Se as informações sobre a vida do nosso autor são escassas, pode-se contudo, da análise de seu livro, concluir alguma coisa relativamente à sua personalidade, ou pelo menos formação cultural. Embora autor de uma geografia, e apesar de sua "sympathia por esta sciencia encantadora", como escreve na dedicatória ao Rei, Aires de Casal nada tem do homem de ciência no sentido próprio da palavra. Ignora as mais elementares noções científicas do seu tempo, a ponto que se chega às vezes a ter a impressão, lendo sua obra, de que desconhecia a própria existência das ciências naturais, tão ligadas ao assunto de que trata. Só assim se explica que, tratando de fatos da natureza, não lhe ocorresse um pensamento, uma frase, uma palavra sequer denotando notícia segura acerca dos conhecimentos científicos de seus contemporâneos. Lá uma vez ou outra lhe ocorre a expressão "história natural"; mas é antes no sentido clássico de Plínio, o naturalista romano, que a emprega, isto é, de compilação e descrição formal da natureza. É, aliás, Plínio o único naturalista — se é que o título lhe cabe —, que Aires cita em sua Corografia.

Mas não são apenas rudimentos de ciência que faltam ao nosso autor. Não se percebe nele vocação ou instinto científico algum, isto é, qualidade de observação, análise, comparação e síntese, que fazem a base do pensamento nas ciências. Nada disto ele possui; é um simples colecionador e registrador de fatos. Em regra, mesmo, de segunda mão: seu estilo não revela um observador direto. Salvo nas descrições de animais e plantas, em que é minucioso e que tanto podem ter sido feitas por informação escrita ou oral, como *de visu*, em nada mais se encontrará o espectador da natureza. Não sabemos se Aires realizou viagens afim de colher dados para seu livro — embora de uma nota se infira que esteve na Bahia. Mas, pelo menos do Rio de Janeiro, onde habitou longos anos, da sua baía e circunvizinhanças, tão sugestivas, particularmente aos olhos de um europeu, era de esperar de alguém, dado a observar o mundo exterior, algo mais que as pobres informações a respeito contidas na Corografia. Os predecessores de Casal nesta matéria de descrição da natureza brasileira, um Gandavo, um Gabriel Soares, um Vicente do Salvador, são-lhe bem superiores. A impressão geral que se colhe da leitura de sua obra é que o autor, depois de tomar por modelo e plano o esquema então corrente na matéria, isto é, uma revisão sistemática e geral de noções históricas, fatos da natureza e acidentes geográficos, encaixou nele, sem maior espírito crítico, as informações sobre o Brasil que foi reunido em longo e paciente trabalho de pesquisa em textos escritos. Aires foi, aliás sem dúvida alguma, um incansável rebuscador de bibliotecas e arquivos; e daquilo que estava a seu alcance, pouco lhe teria escapado.

Numa palavra, Aires de Casal foi um erudito. A sua formação cultural é daquela que, na falta de outra expressão, poderíamos denominar "clássica", em oposição à científica propriamente; ele tem a atitude do analista, intérprete e glosador de textos escritos, em contraste com a do observador crítico do mundo exterior, daquele que olha diretamente os fatos, neles inspira sua reflexão e deles procura concluir. Nenhum autor deste último feitio se lembraria, por exemplo, como faz Aires de Casal, de utilizar na sua época, como fonte essencial para a etnografia do índio brasileiro, a obra de Jerônimo Osório (*Du vida e feitos de D. Manuel*), publicada em 1571, e que não é nem ao menos de uma testemunha direta — pois seu autor nunca esteve no Brasil —, traduzindo-a quase literalmente em muitas passagens, e transcrevendo mesmo, em nota, o texto latino original referente à cultura, religião e organização política dos indígenas (*Corografia*, I, 58). Sente-se neste pormenor o feitio clássico de quem prefere o texto de um autor consagrado à informação muito mais direta e próxima, que estava ao alcance do nosso geógrafo. A inspiração erudita e literária de Aires de Casal se revela ainda em certos pormenores pitorescos,

como na insistência em dar, sem atenção aos ouvidos do leitor, a versão greco-latina dos nomes de cidades e vilas capitais do Brasil — Alacriportus (Porto Alegre), Soteropolis (Salvador), Christophopolis (Sergipe), etc. —, e na transcrição de trechos do *Cavamurá* de Sta. Rita Durão para descrever o ananás e o maracujá. O formalismo do seu pensamento aparece naquela estranha e esdrúxula observação (Corografia, I, 10), em que considera o Brasil uma "península", só porque seu território pode ser circunscrito por uma linha de cursos d'água que se confundem quase em suas cabeceiras. De um modo geral, o feito dominante do autor da Corografia se traí no espaço e cuidado que dedica a matérias de eruditismo histórico, e a pouca atenção que dele reclamam questões propriamente científicas, como quando resolve sumariamente e sem juízo crítico algum, a questão da ligação pré-histórica da América à Ásia (Cor., I, 2), ou quando passa à margem de tantos outros problemas que mal aborda, e que dariam tanto que refletir a um pesquisador crítico.

Com uma tal formação cultural e atitude do pensamento, Aires de Casal parecerá a nossos olhos modernos um desgarrado na matéria de que trata. Não o é tanto na geografia do seu tempo, naquilo a que então se dava oficialmente e com mais generalidade, o nome de geografia. É certo que, no momento em que escreve, estava-se em plena elaboração e sistematização, já bem adiantadas, de uma ordem de conhecimentos científicos a que hoje reservaríamos com exclusividade o nome de geografia. Humboldt e Ritter são contemporâneos do autor da Corografia; boa parte das obras do primeiro se achava publicada muito antes dela, e a *Erdkunde* do outro traz a mesma data da *Corografia Brasileira*. Mais chegados a Aires, e tendo possivelmente até travado relações pessoais com ele, trabalhavam os St. Hilaire, Spix, Martius e tantos outros que estudavam os mesmos objetos. Mas enquanto aqueles percorriam o país de alto a baixo, indo documentar-se na fonte de seus conhecimentos, Aires de Casal revolveia os volumes e documentos da Biblioteca Real e dos arquivos à cata de informações. O contraste é flagrante, e defrontamos nesta comparação com dois mundos inteiramente opostos. O que os separa não são apenas métodos diferentes, mas um abismo de concepções: a geografia de Aires de Casal não é a de St. Hilaire e seus colegas naturalistas. Como explicar a contradição, quando vemos o próprio St. Hilaire chamar nosso autor de "pai da geografia brasileira"? (6).

É que efetivamente havia, no momento em que Aires de Casal compõe sua obra, e haverá ainda por muito tempo, duas geografias, duas disciplinas diferentes, apartadas na concepção do problema geográfico e nos métodos de pesquisa empregados; somente os fatos, objeto de uma e outra, poderiam em rigor ser considerados os mesmos. Uma tinha para si o direito de prioridade e uma longa tradição fundamente arraigada; gozava por isso do reconhecimento oficial; e é aí que classificariamos a Corografia de Casal. A outra, embora de raízes também longínquas, ficara em segundo plano; mas bafejada pela renovação do pensamento científico que vinha desde alguns séculos penetrando e conquistando sucessivamente todos os campos do conhecimento humano, começara, naquele que precede o livro de Casal, a revolucionar também a geografia.

Deu-se com esta ciência o que se repetiu com muitas outras: uma verdadeira substituição, dentro de um mesmo setor do pensamento, duma ordem de conhecimentos por outra visceralmente distinta. É assim que, frequentemente, enquanto se constituiu uma disciplina com seus métodos e planos próprios, outra ordem de pesquisas e elaboração científica, partindo embora de diferentes

(6) *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais* (Paris, 1830), I, XIV.

bases, acaba dando no mesmo terreno que o daquela disciplina, transformando-lhe por inteiro a concepção clássica e acabando mesmo por substituir-se de todo a ela. É o que se verificou de modo flagrante na geografia. Isto que podemos chamar a geografia clássica se forma, como todas as demais ordens do conhecimento moderno, neste período de renovação do pensamento ocidental que se segue ao XV século. A geografia então se constituirá, tomando de início por modelo, como se deu em todas as instâncias, os autores da antiguidade clássica e Ptolomeu em primeiro e principal lugar. Este geógrafo, como aliás os outros do período da ciência greco-romana e romana a que ele pertence, afastando-se dos modelos gregos anteriores, orientou-se sobretudo para fins estritamente utilitários. Ptolomeu, antes um cosmógrafo, em nossa terminologia moderna, e, por derivação, matemático e astrônomo, tinha por objetivo essencial a fixação do "ecúmeno", isto é, a parte então considerada habitada da Terra. A delimitação dele, a localização relativa de suas várias partes constituíam seus fins essenciais. Assim a cosmografia e a astronomia, meios necessários para chegar a tal objetivo, e a cartografia, expressão concreta de seus resultados, ocupariam a maior parte do seu pensamento e de suas obras. A geografia propriamente, aquilo que hoje consideramos tal, não representa aí senão matéria de segundo plano, subordinado àquela primeira e principal parte. Daí o lugar que toma a simples nomenclatura: "o nome" apelida o lugar matematicamente fixado e cartograficamente representado.

A posição de Ptolomeu diante do problema geográfico coincidirá perfeitamente com as necessidades da época em que renascem os estudos de geografia. Inaugurava-se a grande navegação oceânica, a exploração dos mares, de rotas e terras desconhecidas; havia que preocupar-se, acima de tudo, com os dados e conhecimentos necessários à realização daquelas tarefas. A cosmografia se tornará o capítulo principal da geografia, e com ela a cartografia em que se concretiza. E ambas terão o desenvolvimento que todos conhecem, desde a segunda metade do século XV.

O velho Ptolomeu, embora logo desbancado inteiramente no conteúdo de sua obra pelo desmentido flagrante que as sucessivas viagens de exploração iam rapidamente dando à sua concepção do mundo, permanecerá contudo, ainda por muito tempo, com seu método e norma de pensamento. O prestígio dele se revelará nas edições sucessivas de suas obras, que se sucedem até pelo XVII século a dentro. Aliás, com poucas exceções, a literatura geográfica deste período é formada pelos seus livros acrescidos de comentários e anotações.

Outro modelo fornecido pela antiguidade foi o de Estrabão. Mais geógrafo, no sentido próprio da palavra, que Ptolomeu, ele não se ocupa de cosmografia, e detem-se na descrição das terras e povos conhecidos na antiguidade, e que ele próprio, em grande parte, visitara. Apesar disto, Estrabão fica, como geógrafo, muito aquém dos gregos, pois falta-lhe a crítica dos fatos observados. Limita-se quase só a registrá-los, e preocupa-se mais em descrever que interpretar e explicar. Assim mesmo, já era, no terreno da geografia, um progresso sobre o modelo ptolomáico; veio contudo mais tarde; é somente com a *Cosmographia Universalis*, de Sebastian Munster, que é de 1544, que sua tradição se reata. E conservar-se-á por muito tempo distanciada.

É com estes dois modelos, o de Ptolomeu e o de Estrabão, que se vai constituir a geografia clássica, cuja história se prolongará até o século XIX. Respectivamente de um e de outro se originarão as duas grandes partes em que tradicionalmente se dividirá a matéria: geografia matemática e política. A primeira abrange a parte geral, onde, ao lado da astronomia, cosmografia e cartografia, se colocam as considerações gerais sobre a Terra e sua configuração. Na outra se reúne a descrição dos diferentes países e povos. Divisão defeituosa, do nosso ponto de vista, pois subordina a parte essencial do que é propriamente a geografia a quadros políticos em que se confundem história e

geografia física. Esta última ficará por isso necessariamente subordinada e reduzida quase unicamente a uma relação de acidentes geográficos e aspectos naturais dos diferentes países. Assim, enquanto a geografia matemática se desenvolvia sobre bases científicas e sólidas, a geografia propriamente se confinava num pobre e estéril trabalho de simples relações descritivas; quando não, o que era mais comum e pior, de nomenclatura seca. Isto mesmo depois de Varenius, que metodizou e organizou o conhecimento geográfico do seu tempo, dando as bases para um trabalho interpretativo e científico. A obra de Varenius, traduzida nas principais línguas, representa até fins do século XVIII o maior esforço de metodologia geográfica. É sensivelmente inspirando-se nela que Kant apresentará o seu sistema de classificação. Mas será à margem destas concepções que, salvo a exceção isolada de alguns espíritos destacados, se desenvolverá e constituirá a geografia vulgar e oficial. Continuará a pesar uma tradição que reduzia os conhecimentos geográficos a uma supervisão puramente descritiva e superficial de países e povos, em que a geografia física se relegava a uma parca notícia de cada um, e a política, posta em primeiro plano, constituída por compilação de dados históricos e informativos de toda ordem, reunidos indiscriminadamente e sem espírito crítico. Do plano de Varenius — que aliás se limitava, na parte especial da geografia, a indicar algumas linhas gerais — sobraria apenas um esqueleto de classificação em que se encaixavam, sob diferentes rubricas e em categorias estanques, simples informações de cada país: posição, configuração, limites, acidentes naturais, cidades, etc.

Esta é a geografia tal como se concebia em fins do século XVIII. E dela ainda se encontram vestígios bem sensíveis em nossos dias. A geografia que podemos chamar moderna, em oposição à clássica que acabamos de ver, porque é ela que se impôs, desbancando aos poucos sua predecessora, tem outra origem. Nasce das ciências naturais que, no curso do século XVIII, se sistematizam. Elas também não tinham sido, nos séculos anteriores, senão um aglomerado desconexo de informações e descrições, respondendo ao título que lhes foi dado e que a terminologia moderna por anacronismo conservou: história natural. Mas antes da geografia — pois já no século XVII os conhecimentos naturais começam a se elaborar sobre bases críticas — elas se constituem em disciplinas científicas. Isto, lá pelos fins do século XVIII, acha-se definitivamente adquirido. As grandes viagens daquele século, que ao contrário das dos séculos anteriores, já não são apenas de exploração, mas sobretudo de pesquisa científica, dar-lhes-ão o toque final. E delas vai nascer uma nova ordem de investigações, com a mesma concepção e métodos, mas ocupando-se do conjunto de seus objetos, da natureza no seu todo, e não apenas dos diferentes setores em particular que as dividiam; não somente os fatos naturais em espécie, mas a sua interdependência, associação e coordenação. E isto formará na realidade uma nova disciplina, que pela identidade, senão no método, pelo menos do material empregado, invadirá o terreno até então ocupado unicamente pela geografia clássica. Não é de estranhar que o primeiro grande geógrafo moderno tenha sido um naturalista que aliou a estes conhecimentos sua experiência de viajante: Humboldt. Mas se a visão genial deste precursor permitiu-lhe sistematizar a nova ciência, se foi ele o primeiro a dar-lhe expressão clara e definida, não está contudo isolado em tal terreno. Encontra-se a seu lado toda esta geração de naturalistas de fins do século XVIII e princípios do seguinte, que trabalharam todos segundo a mesma linha. E nós, aqui no Brasil, não precisamos ir longe para constatá-lo, porque a contribuição dos naturalistas que, em nosso país, fizeram suas observações é naquele terreno considerável. É aliás de notar como os trópicos americanos contribuíram para as grandes realizações da ciência natural; se a força pensante nelas veio da Europa, o material foi

em grande parte colhido na natureza americana. Com Darwin repetir-se-á o caso de Humboldt e seus contemporâneos.

Voltando a nosso assunto, podemos agora compreender a contração assinalada acima entre duas geografias que parecem se excluir e no entanto coexistem; e o que é mais de admirar, mutuamente se reconhecem. Estamos, no momento que nos ocupa, e que é o da Corografia de Casal, numa época de transição. A geografia clássica, que é nitidamente a do nosso autor, ainda conserva todos seus fóros, e é reconhecida como a legítima ciência geográfica oficial. A outra não se desvencilhara de todo, na classificação dos conhecimentos humanos, de suas origens que são as ciências naturais. Por isso não se constituiu desde logo em disciplina à parte, e conserva-se modestamente como um simples capítulo daquelas ciências. Tão modestamente mesmo, que até reconhece a rival que indevidamente lhe ocupa o terreno, embaraçando seu progresso. E sabemos que a disputa não terminou de todo em nossos dias. A geografia vulgar de hoje ainda se ressentem muito da tradição clássica; a nomenclatura, a mera enumeração de fatos geográficos, a descrição formal e simplesmente informativa ocupam lugar importante nos compêndios usuais da matéria. Ainda não chegou o dia, que fatalmente virá, quando a concepção clássica da geografia se relegará ao simples guia do turista ou do homem de negócios, a que legitimamente pertence.

A posição de Aires de Casal diante do problema geográfico é afirmada por ele próprio com toda clareza. Desde o título de sua obra, em que adota o nome de Ptolomeu, objeto de tantos debates entre os geógrafos dos séculos XVI e XVII, e que opunha à idéia de geografia (a geografia matemática acima referida) a simples descrição particular de cada país. O sub-título, *Relação histórico-geográfica*, completa esta noção marcando os limites em que se coloca o autor, e que são, segundo os modelos clássicos, uma súpula da história e revisão geral dos fatos geográficos mais salientes e notáveis de uma determinada unidade política. É neste plano de antemão bem fixado, que ele vasa o seu trabalho. As circunscrições políticas lhe servirão de quadro, e para cada qual passará em revista a história e os fatos naturais respectivos: depois da América, o Brasil em geral; em seguida as províncias; e, finalmente, suas divisões, as comarcas.

As vezes, mas sem dar com isso o cunho de sua obra, Aires de Casal afasta-se daquele quadro, e opõe à simples divisão política a idéia de uma discriminação natural. É assim que, com relação ao Brasil em conjunto, distingue-se o país na sua "acepção política" (é a expressão que emprega) de territórios sob o domínio do Rei, de um Brasil que ele chama, em oposição, *natural*. Naquela primeira acepção está compreendido o que na data do seu livro cabia, na América, à coroa portuguesa, isto é, o que hoje forma o território brasileiro, mais a Guiana Francesa, conquistada em 1809, e só devolvida à França no momento preciso em que a Corografia saía à luz (setembro de 1817). No *Brasil Natural*, o Pe. Aires excluiu uma parte daqueles territórios debaixo da soberania portuguesa, mas incluiu outros, compreendendo nele, em conjunto, a área limitada por uma linha hidrográfica formada pelo Amazonas, Oceano, Rio da Prata, prolongada pelo Paraná, Paraguai e altos afluentes deste, e encerrando seu circuito, no Amazonas, pelo Guaporé, Mamoré e finalmente o Madeira. É uma linha quase contínua, interrompida apenas por uns "poucos côvados" (como se exprime o autor) que separam o rio Aguapé, sub-afluente do Paraguai, do Alegre, alto tributário do Guaporé. É aliás esta circunstância que permitirá a Aires de Casal fazer a exdrúxula observação já assinalada, de que o Brasil é uma "península", cujo "istmo" seriam aqueles "poucos côvados" que separam, no alto Mato Grosso, a bacia Platina da do Amazonas.

Apesar desta distinção do político e do natural, que expressamente faz, Aires de Casal não parece dar-lhe maior importância. Não a fundamenta, nem procura tirar-lhe qualquer consequência de caráter geográfico ou mesmo político. E, embora se sirva dela para incluir em sua obra o território da atual república do Uruguai, quase todo o do Paraguai, bem como o das atuais províncias argentinas de Corrientes, Entre-Rios e Território de Misiones, jogando para um apêndice a Guiana, toda a margem setentrional do Amazonas e ocidental do Madeira, ele se limita a afirmá-la sem nenhum comentário. Não sabemos, por isso, de ciência certa, por que delimitou o seu Brasil natural. Podemos, contudo, à sua revelia, completar-lhe o pensamento, e precisar o que estava na sua mente. A delimitação que faz inspira-se visivelmente numa velha preocupação de fronteiras "naturais", isto é, fixadas por acidentes geográficos marcantes. Em particular, os cursos d'água foram sempre considerados como ideais, pois desenham na carta uma linha contínua e bem sensível. Apesar do desmentido constante que os fatos sempre deram a esta concepção puramente teórica, irreal e abstrata, ela exerceu no passado grande atrativo sobre os geógrafos, e ainda hoje não é de desprezar. É mais um dos resultados deste modo formal do pensamento, tão do sabor de certas filosofias e concepção das coisas, que procuram transpor para o mundo objetivo as ficções e categorias do nosso espírito. Politicamente, os acidentes naturais podem oferecer limites cómodos numa fronteira sujeita a dúvidas e disputas; mas, geograficamente, eles não têm, por si, expressão alguma, nem humana. Pois é justamente na natureza que Aires pretende fixar, com rios escolhidos sem outro critério que a curiosa coincidência de um circuito imenso quase fechado de águas, os limites naturais do país. A ausência, no texto da Corografia, de qualquer apreciação a respeito, nos impede de julgar aí o pensamento de Casal; mas já esta falta de comentários nos permite conjecturar se compreendia bem o alcance de sua afirmativa, se a idéia de divisão natural tinha para ele alguma significação concreta, afora a de uma separação, sem mais consequências, "por limites visíveis", como a outro propósito se exprime (*Cor., I, 329*).

Em algumas outras instâncias reaparece a mesma preocupação de delimitar regiões "naturais" com cursos d'água; é o critério que sempre adota quando lhe falta, para a sub-divisão das províncias, a repartição administrativa em comarcas (a maior parte das capitânias ou províncias brasileiras era então formada de uma só comarca), e entende que a extensão do território exige uma divisão qualquer. É, assim, com rios que procura delimitar as regiões respectivamente de Mato Grosso, Goiás, Pará, e de uma outra província inexistente, que, sempre preocupado com os rios, entendeu criar: Solimões. Por singular exceção, inexplicada e inexplicável, divide o Ceará por uma linha reta que o separa em duas partes: oriental e ocidental. Igual, mente em nenhum destes casos procura esclarecer seu critério ou fundamentar a divisão adotada; limita-se, como no caso acima citado do Brasil em conjunto, a afirmar um fato que lhe parece tão óbvio (1) que dispensa qualquer justificação. Parece que para ele os rios gozam de uma "qualidade imanente": de dividir áreas territoriais. Estão ali para isto; o que, se cientificamente está claro, é absurdo, compreende-se perfeitamente dentro das concepções formalísticas de Casal e da filosofia que sensivelmente o inspira.

Somente com relação a Goiás dá a entender, embora confusamente, que sua divisão se destina a repartir uniformemente a área e a população (*Cor., I, 329*). Aliás, no caso desta província, prefere por tal motivo a divisão que propõe, às duas comarcas "tão desiguais" em que se achava administrativamente repartida. Mas o fato é que, em nenhum caso, nem mesmo no de Goiás, alcança seu objetivo, evidentemente absurdo e impossível de aplicar.

Também não procura inferir das divisões que propõe conclusão ou consequência alguma. Parece, contudo, que é uma idéia política que está atrás do seu pensamento; é pelo menos o que se poderá inferir de uma passagem em que, referindo-se às regiões de Mato Grosso, prognostica que talvez algum dia seus limites sejam "os preferidos pela Política, quando a povoação, com a ordem das coisas, chegar ao ponto de se criarem outras tantas Ouidorias (Comarcas)" (*Cor.*, I, 265).

Apesar de tudo isto, encontramos, embora perdida na sua obra, isolada e sem paralelo nas outras partes, uma divisão mais científica de regiões naturais. É no capítulo referente a Sergipe, cujo território reparte em dois: matas e agrestes (*Cor.*, II, 141). Nada há a dizer desta divisão, que é, em linhas gerais, como se sabe, rigorosamente exata. Casal explica aliás a divisão, usando para isto de verdadeiro critério geográfico: associação do aspecto físico, da cobertura vegetal, do clima, da vida humana. Como explicar este parêntesis de legítima geografia isolada no corpo de seu livro? Seria resultado de observação pessoal? Teria ele visitado o Nordeste, e constatado o fato *de visu*? Não é de crer, porque senão o generalizaria para toda aquela região, o que não faz. O Sertão nordestino não lhe era certamente familiar, porque doutra forma não afirmaria ingenuamente que a serra da Borborema "he a mais magestosa do Brasil" (*Cor.*, II, 158), ele que habitava a dois passos da serra do Mar, e podia enxergar no horizonte do Rio de Janeiro a linha magnífica dos Orgãos.

Mas afora estes desvios da norma fundamental que adota, desvios aliás sem maiores consequências, e sem reflexo algum no conjunto da obra e caráter de suas considerações, é dentro de quadros políticos que Aires de Casal distribui a matéria da Corografia. Extremamente metódico, e dominado por uma idéia bem aparente de simetria (graças ao que a consulta da Corografia se torna muito fácil e cômoda), ele passa sucessivamente em revista, para cada uma das circunscções que analisa, a história, os acidentes geográficos (montes, cabos, baías, ilhas, rios, etc.), os minerais, vegetais, animais, terminando com uma relação das cidades, vilas e povoações mais importantes. Cada um destes parágrafos constitui compartimento estanque, em que reúne informações mais ou menos extensas sobre o item considerado; às vezes limita-se a uma simples enumeração ou nomenclatura.

Em tais informações, a Corografia é muito desigual. Tanto na sua importância, como desenvolvimento, elas variam consideravelmente. Assim, por exemplo, na zoologia do Rio Grande do Sul faz interessante e extensa descrição da pecuária local; já em São Paulo, que incluía o atual Estado do Paraná, e por conseguinte outra zona importante de criação, limita-se a uma seca enumeração de espécies animais. O mesmo se passa com Minas Gerais. E relativamente às províncias do Nordeste, cujo sertão é zona criatória por excelência, não vai na matéria além de esparsas e sumárias notas. Às vezes, estende-se sobre assuntos inteiramente estranhos à sua matéria, e sem o menor interesse, como quando enumera cuidadosamente todos os dignitários do Cabido da Catedral do Pará, e descreve-lhes com minúcias os paramentos. Doutras, e é o mais frequente, comprime em curtas notas sucessivas, sem conexão umas com as outras, e sem acrescentar-lhes qualquer comentário, um rol sumário de informações, algumas do maior interesse, outras de pormenores insignificantes e até, às vezes, ridículos.

Esta desproporção tão chocante no valor e minuciosidade das informações encontradas na Corografia nos sugere o método ou processo com que foi composta. É visível que o autor colecionou, ao acaso de suas longas pesquisas e leituras, tudo o que pôde encontrar relativamente a cada um dos capítulos planejados para sua obra; e depois limitou-se a transcrevê-lo, devidamente "arrumado" em seus lugares próprios, num processo mecânico de

simples registo classificado de informações. Vêmo-lo por isso passar de raspão em observações que, se submetidas a uma análise crítica, abririam para nosso autor perspectivas amplas e magníficas. As oportunidades assim perdidas são inúmeras; limito-me aqui a citar a seguinte passagem, onde, referindo-se embora só ao Maranhão, Aires esteve a dois passos de abordar um dos mais importantes aspectos da estrutura demográfica do país: "As famílias vivem, pela maior parte, dispersas. Como cada fazendeiro ou lavrador d'ordinário tem todas as suas possessões em um só pedaço de terreno, também communmente alli habita com toda sua família, e haveres: e sendo cada vivenda destas uma aldeia, e não poucas vezes assaz populosa em razão da escravatura; sam poucas (para a extensão da provincia) as aldeias, onde habite consideravel numero de vizinhos..." (*Cor, II, 263.4*). Ficou contudo nisto, sem suspeitar sequer o alcance, para todo o país, de sua afirmação. Aliás o interesse que mostra por questões demográficas é mínimo. Afora as vagas indicações sobre aglomerações urbanas — em cuja descrição emprega apenas termos como "considerável", "populosa", "mediocre", "pequena" ou "grande" —, e um ou outro dado esparso sobre o número de habitantes deste ou daquele lugar, deixa o assunto à margem.

A parte humana da Corografia é a mais ampla. Deixo de lado a história, onde o eruditismo não chega a esconder a pobreza das informações, porque não é como historiador que Aires de Casal pode interessar; mesmo para seu tempo, senão para antes dele, sua contribuição é de todo insuficiente. No terreno próprio da geografia humana traz-nos muitos dados, mas sempre, segundo o seu método, esparsamente, sem concatenação. Os indígenas — refiro-me a eles aqui, embora o autor os coloque sempre entre os animais, nos parágrafos relativos à zoologia —, são tratados com certa atenção. Procura enumerar suas nações, descreve alguns de seus hábitos, e chega mesmo, às vezes, a referir-se à sua linguagem, fornecendo pequenos vocabulários. Mas, apesar disto, não apresenta interesse: seus dados são visivelmente todos de segunda, quando não de terceira mão; e falta-lhe por completo espírito crítico.

Mais interessantes são suas longas informações sobre as cidades, vilas e povoações. Há aí muito pormenor insignificante e que poderia ser dispensado; mas, no conjunto, dá uma idéa satisfatória do estado geral dos centros populosos do país. É para nós, hoje em dia, a parte mais útil e aproveitável da Corografia.

Na parte física, a obra de Casal é muito pobre, e limita-se exclusivamente a enumerações, nomenclatura, ou, no máximo, descrições superficiais. Destaca-se a descrição dos rios, que é feita com cuidado e pormenores. Ela nos dá, em regra, sua origem, seus afluentes, principais acidentes do curso, direção geral que seguem; acrescentando mesmo, quando é o caso, algumas observações sobre sua utilização para transportes e comunicações. Coloca-se o autor com isto, bem no momento em que escrevia, pois sua época é de intensiva procura, da parte da administração pública, de aproveitamento dos cursos d'água. Desde fins do século XVIII, mas particularmente depois da transferência da Corte, é este um dos pontos em destaque nos programas oficiais, e bem de acôrdo, aliás, com as prementes necessidades do momento. A Corografia representa assim, sob este aspecto, valiosa contribuição para uma das mais importantes questões do seu tempo.

Nos parágrafos relativos à mineralogia, fitologia e zoologia, Aires se limita, quanto à primeira, a simples listas indiscriminadas e sem interesse de alguns minérios, produtos minerais e rochas. Quanto aos animais e vegetais, particularmente na Introdução, em que se ocupa do Brasil em conjunto, apresenta descrições pormenorizadas de muitas espécies. É aí que particularmente se verifica a falta de conhecimentos científicos do autor. Em matéria

de classificação, não vai além de discriminações empíricas, em primeiro lugar os "quadrúpedes", incluí o peixe-boi entre os peixes, e o morcego entre as aves. Parece que se atrapalha com o jacaré e o cágado, pois se não os incluí na lista de quadrúpedes que traz à 61 (tomo I), mete-os, contudo, de contrabando, na parte descritiva deles; mas prudentemente no fim, logo antes dos reptís (pág. 71). Mas, apesar disto, suas descrições são cuidadosas e ilustrativas. A maior falha neste assunto, para um geógrafo, é a ausência de considerações próprias à matéria do seu livro, isto é, relativos à distribuição das espécies. Não cogita disto, de uma forma geral, e restringe-se, quanto às associações vegetais, a umas poucas notícias esparsas e muito incompletas sobre a ocorrência de matas e de outras coberturas.

As fontes de que Aires de Casal se utilizou para a confecção da Corografia são abundantes. Já assinalai que ele não parece ter sido um viajante e observador de primeira mão que descreve *de visu*. Seu trabalho foi antes de gabinete, coligindo pacientemente suas informações em livros e manuscritos. Teve para isto à disposição, mesmo na hipótese provável de haver realizado só no Brasil todos os seus estudos, a ampla biblioteca transferida com a Corte para o Rio de Janeiro em 1808, e cujo acervo ele mesmo avalia em 60.000 volumes (Cor., II, 31). Tornou-se, aliás, amigo de seus funcionários, e um deles, Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, de quem possuímos interessante correspondência publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 56, incumbiu-se da revisão do manuscrito da Corografia, e da organização dos índices que figuram no final de cada um dos volumes da obra (7). Aires também andou pelos arquivos, de que cita um, o da Real Marinha.

O nosso autor amparava-se neste trabalho de consulta bibliográfica, em seu largo conhecimento de línguas. Além do latim, normal para sua época e estado eclesiástico, entendia o espanhol, o francês, o inglês e o italiano. Pelo menos cita, às vezes até com transcrições literais do texto, várias obras naqueles idiomas. Para a parte histórica, Aires de Casal mostra possuir muito boa informação bibliográfica. Todas as grandes obras clássicas do seu tempo, relativas às matérias de que trata, aparecem citadas. Não lhe escaparam também os autores brasileiros, Rocha Pita e Gaspar da Madre de Deus. Este último é bastante referido, embora Aires não lhe cite o nome, mas somente o título da obra, *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*; parece, aliás, não simpatizar muito com o autor. Ainda nesta parte histórica, Aires de Casal não se restringiu às obras impressas; rebuscou os arquivos à sua disposição, mas nesta matéria de manuscritos ele é muito pouco elucidativo quanto à natureza dos documentos citados e lugar onde os encontrou. Limita-se, quase sempre, a referi-los em termos vagos, "um manuscrito que vi...", "que me foi comunicado...", "que soube por informação...". Há contudo a salientar aqui a famosa carta de Pero Vaz Caminha, o escrivão da armada de Cabral, dando conta da descoberta do Brasil. Aires foi o primeiro a publicá-la, embora com incorreções, utilizando-se para isto de uma cópia encontrada no Arquivo da Real Marinha do Rio de Janeiro (Cor., I, 12 nota). Refere, aliás, onde se conservava o original (Torre do Tombo, em Lisboa).

Na parte geográfica é muito parco em notícias bibliográficas. Quase não cita suas fontes, e é difícil reconstituí-las. De obras impressas, contava com poucas: muito raros eram os livros com informações sobre o Brasil; é conhecido o silêncio e ignorância com que a Metrópole portuguesa sempre procurou cercar as coisas de sua colônia. Uma daquelas raras exceções, a mais preciosa, que é o grande trabalho de Antonil, *Cul-*

(7) É o próprio Santos Marrocos quem no-lo informa. Veja-se sua carta de 18 de abril de 1816, *Anais da Biblioteca Nacional*, 56, 274.

*tura e Opulência do Brasil*, esteve com certeza nas mãos de Casal, embora ele não o cite. Referindo-se à cultura do tabaco em Alagoas, repete fielmente as informações de Antonil a respeito, e que provavelmente só poderia ter encontrado na obra deste autor. Utilizou também, e os cita, os trabalhos de alguns viajantes e exploradores estrangeiros do século XVIII, como La Condamine e Bougainville.

Ao contrário de obras impressas, os documentos escritos à disposição de Aires eram relativamente abundantes. Memórias, roteiros e diários de viagem, relatórios de autoridades referentes às diversas regiões e partes do Brasil são, a partir dos últimos anos do século XVIII, numerosos. Particularmente depois da transferência da Corte, quando o interesse da administração portuguesa pelas coisas da colônia cresce muito. Os arquivos públicos, a que Casal, pela sua posição e relações, tinha com certeza fácil acesso, reuniram assim, nesta época, uma documentação apreciável sobre o país. Aliás, tal interesse não se restringe à administração; ele é geral, tanto dentro do Brasil como no estrangeiro. O momento se assemelha ao acordar de um longo letargo; caíam as muralhas chinesas dos ciúmes da Metrópole, e a curiosidade pelos assuntos brasileiros se acendia em todos os meios. O próprio aparecimento da Corografia, esta primeira descrição geral do Brasil (com exceção das já duas vezes centenárias descrições de Gandavo, Gabriel Soares e Vicente do Salvador), é bem um reflexo e símbolo do momento. Trabalhando num momento destes, Aires não teria grande dificuldade em se informar.

Desta documentação numerosa que então aparece sobre o Brasil, a maior parte ainda se encontra nos arquivos; uma parcela já foi dada à publicidade, e pode ser lida nas grandes coleções históricas, em particular na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*. O *Patriota*, jornal publicado no Rio de Janeiro em 1813 e 1814, e o *Correio Brasiliense*, ambos acessíveis a Casal, também trouxeram neste sentido sua contribuição. O autor da Corografia dispôs assim de material apreciável, o que aliás a segurança geral das informações que presta vem comprovar. Algumas destas fontes manuscritas, apesar do já lembrado silêncio e imprecisão do autor, podem ser identificadas. É assim fora de dúvida que utilizou os trabalhos geográficos de Ricardo Franco de Almeida Serra, membro de uma das comissões demarcadoras de limites que trabalharam no Brasil na segunda metade do século XVIII, e que deixou muitos e importantes escritos. Aires de Casal cita um deles, sem dar contudo o nome do autor, relativo aos índios Guai-curús de Mato Grosso (8). José Vieira Couto, cujo nome também não é referido, aparece em longa transcrição relativa ao Distrito Diamantino (Minas Gerais) (9). *A Memória sobre a Capitania de Goiás*, do Pe. Luiz Antônio de Silva e Sousa, publicada parcialmente no *Patriota*, e mais tarde na *Rev. do Inst. Hist.*, 12, 429, também aparece na Corografia, sem o nome do autor, citada como o "Ms. da História Goiana" (10).

A informação cartográfica à disposição de Casal também é boa. Sabe-se que, no século XVIII, graças sobretudo às questões de limites entre possessões portuguesas e espanholas neste hemisfério, muito se realizara no sentido do levantamento cartográfico do Brasil e aqui trabalharam os maiores astrónomos e matemáticos portugueses, em particular o brasileiro Francisco José de Lacerda e Almeida, o principal deles, e que se notabilizaria

(8) Este trabalho de Almeida Serra encontra-se publicado na *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, 7, 204, e 13, 348.

(9) *Memória sobre a capitania de Minas Gerais*, de José Vieira Couto, publicada na *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, 11, 289 (3.<sup>a</sup> ed.).

(10) Um documento que vem bastante citado é uma *Descrição Geographica da America Portuguesa*, de Francisco da Cunha. Foi-me impossível identificar este trabalho e seu autor.

mais tarde mundialmente com seus trabalhos na África. Um balanço e súpula dos conhecimentos cartográficos ao alcance de Casal estão na *Carta da América Meridional*, de Arrowsmith, publicada em Londres em 1810, e onde o Brasil está representado com bastante segurança.

A administração pública, embora com outros fins, veio neste assunto de cartografia em auxílio de Casal. Por Ordem de 16 de março de 1808, solicitara de todos os governadores os mapas e cartas geográficas e topográficas existentes nas respectivas capitanias, e o Decreto de 7 de abril do mesmo ano, que criou o Arquivo Militar, organizava pela primeira vez no Brasil o serviço de inventário cartográfico do país, mandando reunir, examinar e comparar todos os trabalhos realizados, e retificá-los naquilo onde novos estudos e levantamentos demonstrassem erros anteriores. Juntou-se assim, de uma forma sistematizada, um material cartográfico apreciável de todo o país. Acrescentemos que, por esta época, a Imprensa Régia começava a publicação de mapas, sendo o primeiro a planta da cidade do Rio de Janeiro, levantada por ocasião da chegada da Corte, e que se imprimiu em 1812. Não se pode saber até que ponto Aires de Casal se aproveitou deste material ao seu alcance; em todo caso, é de lamentar que não tivesse com êle ilustrado a *Corografia*, o que serviria pelo menos para não abrir o péssimo precedente de livros de geografia sem o elemento essencial desta matéria, que são as cartas e mapas. O nefasto exemplo da *Corografia* teria seus frutos, e raros, quase nenhum, serão durante muito tempo os trabalhos brasileiros de geografia devidamente ilustrados. Não parece, aliás, que Aires desse muita importância ao assunto: da leitura de seu livro não se deprende que fosse muito dado a consultas de mapas e reflexão sobre êles.

Podemos agora, desta análise feita à *Corografia Brasileira*, concluir sobre seu valor e significação. Trata-se, em suma, de um quadro geográfico geral, embora reduzido, do Brasil de sua época; uma descrição dêle; mas sem veleidade alguma de explicação ou interpretação, destituído inteiramente de espírito crítico. O seu maior mérito está em ter sido o primeiro trabalho geral, e o único de certo valor durante muito tempo, na matéria. Se em outros que o precederam, alguns sem dúvida mais interessantes, se encontram aspectos parciais e restritos do país, nenhum reunira ainda, num conjunto sistemático, a descrição geográfica de todo êle. Neste sentido, Aires de Casal merece o título que lhe deu St. Hilaire, e que a posteridade consagrou, de "pai da geografia brasileira". Isto apesar de todos os erros, lacunas e deficiências (mais estas últimas que erros propriamente, pois, de uma forma geral, as informações da *Corografia* são sofredivelmente seguras). Se Aires de Casal está longe de merecer a qualificação de geógrafo, no sentido atual da palavra, e fica muito apartado mesmo daqueles naturalistas seus contemporâneos que, inclusive com relação ao Brasil, estavam lançando as bases da verdadeira ciência geográfica, êle se coloca, relativamente ao método e concepção que tem da sua ciência, tão criticáveis hoje, num plano que pouco ou nada fica a dever àquele, então oficialmente adotado e reconhecido para os estudos geográficos. Excluamos o desataviado da linguagem, a puerilidade do estilo, da apresentação e de certas afirmações, e podemos comparar a *Corografia Brasileira* a qualquer uma das obras clássicas de geografia do seu tempo. Mais solene e pretensiosa, e naturalmente muito mais cuidada e completa, a *Geographie Universelle* de Malte-Brun, publicada entre 1812 e 1829, e que constitui padrão de sua época, não é, quanto ao modo de encarar os fatos geográficos, muito superior à modesta *Corografia* de Casal.

Mas, doutro lado, Aires de Casal não trouxe com seu livro contribuição nova alguma para o conhecimento do Brasil, nem no sentido de observa-

ções e dados, nem no de sugestões ou idéias fecundas. Limitou-se a compilar o que já existia relativamente à matéria, reunir informações que ordenou, ou antes classificou depois segundo um plano rígido e sem perspectivas. E assim, se constituiu um primeiro e, sem dúvida, excelente manual de notícias sobre o conjunto do país, não trouxe grande coisa para desenvolver o reconhecimento geográfico dele.

Apesar disto, sua prioridade e, em consequência, utilidade, deram grande repercussão a seu livro. St. Hilaire, que iniciou suas peregrinações pelo Brasil no ano anterior ao aparecimento da *Corografia*, se utilizaria largamente dela mais tarde, ao redigir para publicações seus diários de viagem. Outros estão no mesmo caso, e até um destes viajantes estrangeiros — advirta-se, contudo, desde logo, não tratar-se senão de um pobre aventureiro com pretensões a escritor —, não se pejaria de lançar mão da obra de Casal para, sem ao menos citá-la, escrever uma pseudo-história do Brasil que não é, na sua quase totalidade, senão tradução literal dela (1). Fraude que St. Hilaire seria o primeiro a denunciar. O sucesso da *Corografia* no estrangeiro se manteria por muito tempo. É com certeza nela, ou em seus repetidores, que na parte relativa ao Brasil se inspiraram todos os compêndios de geografia geral publicados em grande número por esta época nos diferentes países da Europa. Quase trinta anos depois do seu aparecimento, ela ainda seria utilizada como fonte principal na redação do grande *Dicionário Geográfico de Milliet de Saint-Adolphe* (12).

Para as letras brasileiras, a importância da *Corografia* é notável (13). Desde sua publicação ela servirá de modelo a quantos trataram da matéria. O primeiro livro de geografia geral redigido por um brasileiro parece ter sido o *Compêndio* de Basílio Quaresma Torreão (14), um pernambucano que teve papel saliente nas revoluções de 1817 e 1824, bem como nos demais acontecimentos que tanto agitaram sua província depois de 1821. Escreveu seu trabalho, com toda probabilidade, entre 1817 e 1821, quando esteve preso na Bahia, e aproveitava o ócio do cárcere para ensinar geografia a seus companheiros. No prefácio do *Compêndio* ele confessa que se serviu, na parte relativa ao Brasil, além de informações de pessoas fidedignas, da *Corografia do Reverendo Aires*. Durante mais de meio século será este o caso de todos os tratadistas da matéria. A *Corografia Brasilica* se tornara numa espécie de "livro sagrado" da geografia brasileira, e, ainda em 1873, Joaquim Manuel de Macedo, cujas obras de história e geografia constituíram os principais e quase únicos manuais de ensino daquelas matérias por muito tempo (e só foram substituídos pelos de Joaquim Maria de Lacerda, que ainda alcançaram as gerações hoje vivas), afirmava de Aires de Casal, no prólogo às suas *Noções de Chorographia*, que era "o mestre e guia de quantos têm escrito depois dele". Pode-se dizer que o prestígio da *Corografia Brasilica* só declina depois do aparecimento das traduções, feitas por Capistrano de Abreu, das obras de Sellin e Wappaeus, já no penúltimo decênio do século passado, e que intro-

(11) *History of the Brasil*, by James Henderson. London, 1821.

(12) *Dictionnaire Geographique, Historique e Descriptif de l'Empire du Brasil...* por J.C.R. Milliet de Saint Adolphe, e trasladada em portuguez do manuscrito inédito francez... pelo dr. Cactano Lopes de Moura. 2 tomos. Paris, 1845.

(13) Como foi referido acima, Aires de Casal faleceu antes de publicar a edição corrigida, que planejara para sua obra. Em 1833 saiu nova edição da *Corografia: Chorographia Brasilica, ou Relação historica-geographica do Brasil*. Por Manoel de Casal, presbytero secular do Gião Priorato do Crato. Nova Edição, correctea e emendada. Rio de Janeiro. Na Typographia de Gueffier & Comp... 1833. Os Editores Lacomert deram, em 1845, uma chamada "segunda edição", que não é senão a anterior, com folha de rosto nova.

(14) *Compêndio de Geographia Universal*, de Basílio Quaresma Torreão. Londres, 1824.

duziram nos estudos geográficos do Brasil o sôpro renovador cuja falta ha-  
tanto já se fazia sentir (15).

A influência do livro de Casal na literatura geográfica brasileira foi assim  
considerável. Para bem ou para mal? Num sentido, muito lhe devemos,  
porque ninguém se abalçou durante muito tempo, depois dela, a uma revisão  
geral da geografia brasileira, refazendo o paciente trabalho de pesquisa e  
coleta de informações a que se dedicara o Pe. Aires. Todos seus continua-  
dores se contentariam em repeti-lo, corrigindo aqui e acolá os erros que se iam  
evidenciando, e pondo a matéria em dia. Podemos pois supor, sem injustiça  
para estes sucessores de Casal, que na falta de um compêndio como a *Corografia*,  
onde se reuniram as linhas gerais da geografia brasileira, pondo-a ao alcance fácil  
de todo mundo, teríamos ficado muito tempo ainda sem uma noção geral do  
país.

Doutro lado, é certo que os defeitos de concepção e métodos geográficos da  
*Corografia*, encobertos sob a autoridade incontestada do precursor, muito contri-  
buíram pelo seu exemplo nefasto a manter os estudos geográficos no Brasil em  
nível muito baixo. A nomenclatura, a simples enumeração, a descrição pura-  
mente formal e sem espírito crítico, a falta absoluta de um critério verdadeira-  
mente geográfico, isto é, de *distribuição e associação no espaço dos vários  
elementos naturais e humanos*; tudo isto que constitui a característica essencial  
da *Corografia Brasileira*, continuará viciando os estudos de geografia no  
Brasil. Neste sentido, e graças a seu prestígio que ninguém ousaria contestar,  
o livro de Casal retardará consideravelmente a renovação, entre nós, dos  
métodos geográficos. Raros serão aqueles que se afastarão do modelo consa-  
grado. Não posso deixar de citar, aqui, uma destas exceções, porque se coloca  
nitidamente acima de seus contemporâneos: é Monteiro Baena com seu  
*Ensaio Corográfico do Pará* (16). Mas esta e outras pequenas tentativas  
semelhantes não tiveram maior repercussão, e não influíram sensivelmente na  
evolução dos estudos geográficos brasileiros.

De certa forma, coisa parecida passou-se em outros países durante o século  
passado, naqueles mesmos onde sempre fomos buscar nossos padrões de cultura.  
Aliás, um dos manuais de geografia brasileira que na segunda metade do século  
passado mais se utilizaram entre nós, e que é uma adaptação especial e  
exclusiva ao Brasil, feita por autores franceses consagrados, da geografia de  
Malte-Brun, não é superior ao que se fazia aqui na matéria (17). Os  
mesmos defeitos de concepção e método, que se mostram tão acentuados em  
Aires e seus imitadores, aparecem aí, e são aliás comuns a boa parte da  
literatura geográfica internacional do momento. Mas o que faltou entre nós  
é, a par desta geografia clássica, oficial e estéril, simples relação descritiva,  
uma elaboração paralela dos conhecimentos geográficos fundada em bases e  
concepções verdadeiramente científicas. Isto faltou no Brasil, e enquanto  
noutros lugares se constituía esta nova geografia-ciência que havia de desbancar  
sua predecessora, ficaram os autores nacionais exclusivamente nos métodos,  
clássicos herdados do passado. Lembrei acima que o estudo da matéria só  
começou a tomar outro rumo entre nós depois dos livros de Wappaeus e Sellin  
(bem como, em consequência de outros fatores contemporâneos, como em parti-

(15) *A Geographia Physica do Brasil, Refundida. Edição condensada, J. E. Wappaeus. Rio de Janeiro, 1883. — Geographia Geral do Brasil, Traduzida e conside-  
ravelmente aumentada, A. W. Sellin. Rio de Janeiro, 1889.*

(16) *Ensaio Corográfico sobre a provincia do Pará, Antonio Ladislan Monteiro  
Baena, Pará, 1839.*

(17) *Tratado de Geographia Elementar, physica, historica, ecclesiastica e politica  
do Imperio do Brasil, de J. G. Amedeo Monre e V. A. Malte Brun. Paris, 1861. —  
Este Malte Brun não é o autor da *Geographie Universelle*, mas seu filho, também geó-  
grafo, e que reeditou a obra do pai.*

cular a organização da Comissão Geológica e Geográfica de São Paulo, sob a direção de Orville Derby). Aliás o interesse pela matéria sempre foi aqui pequeno. Entre outros sintomas, estão aí o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e seus congêneres provinciais, que, apesar do nome, e de terem sido até quase este século os únicos institutos nominalmente votados à geografia, nunca se ocuparam seriamente do assunto.

Outro fator que influiu desfavoravelmente na constituição e evolução dos estudos geográficos brasileiros foi o apêgo exclusivo aos autores franceses. A França esteve, nesta matéria, durante muito tempo, em grande atraso sobre outros centros culturais, em particular a Alemanha. É certo que a *Géographie Universelle* de Réclus é de um francês. Mas Réclus constituiu uma exceção; revolucionário na sua ciência, revolucionário em todos os atos de sua vida. Figura à margem da geografia oficial francesa do seu tempo, como na Comuna de Paris de 1871, no cárcere e no exílio, esteve também à margem da vida oficial do seu país. A influência que sofreu veio aliás da Alemanha, onde passou sua infância e mocidade, onde se educou e formou.

Os estudos geográficos no Brasil não foram assim felizes. Submetidos a influências pouco progressivas e desenvolvendo-se num meio de desinteresse geral, eles marcaram passo durante quase um século. E é por isso que ainda hoje o que de melhor existe sobre a geografia brasileira nos vem de fora.

Esquecida por algum tempo, a *Corografia Brasílica* volta à ordem do dia. Esta edição do Instituto Nacional do Livro é a segunda que dela se publica nestes últimos anos. Há, pois, novo interesse em torno de uma obra que durante meio século constituiu o padrão e modelo dos nossos conhecimentos geográficos e depois se eclipsou quase inteiramente. Mas a *Corografia* de Aires de Casal não reaparece como tratado geográfico; com este caráter não tem mais expressão alguma. É aos historiadores que hoje pertence; sem ela seria muito difícil reconstituir inteiramente aquele Brasil de século e quarto atrás, tão importante porque se situa no momento mais crítico da nossa história. É o Brasil maduro para a independência, e tomando pela primeira vez consciência plena de sua individualidade, que aparece nestas páginas singelas da *Corografia Brasílica*. É um livro, pois, que não deve, não pode ser esquecido. E a isto acrescentemos o argumento sentimental da homenagem que a sua reedição presta ao pai da geografia brasileira.

(Transcrito do tomo I da "Corografia Brasílica" de Aires de Casal, edição facsimilar do Instituto Nacional do Livro, Rio, 1945, pág. VII a XL.)